

GRUPO DE ESTUDOS DA SEPTUAGINTA: O LIVRO DE JONAS E SUA INTERTEXTUALIDADE COM A CULTURA GREGA CLÁSSICA

A. M. C. Pompeu¹; E. S. Barbosa²; N. P. A. Acácio³; F. A. Zaoui⁴; M. S. Oliveira⁵; L. S. de Almada⁶; S. M. T. Almada⁷ & V. V. da Silva⁸

¹ Professora Associada do Departamento de Letras Estrangeiras do Centro de Humanidades da UFC. ² Graduado em Letras pela Universidade Federal do Ceará. ³ Especialista em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Ceará. ⁴ Especialista em História da Arte e Civilizações Antigas pela Universidade do Louvre. ⁵ Especialista em Arte e Educação pela Universidade Estadual do Ceará. ⁶ Graduado em Licenciatura Específica - Inglês pela Universidade Vale do Acaraú. ⁷ Graduada em Letras pela Universidade Federal do Ceará. ⁸ Me. em Letras pela Universidade Federal do Ceará.

Artigo submetido em Abril/2015 e aceito em Junho/2015

RESUMO

A Septuaginta, que é a versão grega feita pelos LXX do Antigo Testamento hebraico, é o objeto de estudo do GES – Grupo de Estudos da Septuaginta, que tem como objetivo, além de estudar os textos bíblicos em seu aspecto literário e cultural, o aprofundamento linguístico do grego koiné. O livro de Jonas é muito rico em simbologia, podendo dialogar com vários outros textos, inclusive os da cultura grega clássica: os personagens míticos Hércules e Alceste e o personagem da comédia

de Aristófanes: Filocleão, por exemplo. Os dois primeiros serão comparados a Jonas, pela proximidade do episódio dos três dias dentro de um peixe ou em um sepulcro, e o terceiro, pela proximidade do comportamento em sociedade. Com a análise comparativa de Jonas com os personagens da mitologia e da comédia grega clássica, concluiremos que há intertextualidade entre Jonas e a cultura grega clássica.

PALAVRAS-CHAVE: Septuaginta; Jonas; grego koiné; cultura clássica

STUDY GROUP OF THE SEPTUAGINTA: THE BOOK OF JONAH AND ITS INTERTEXTUALITY WITH THE CLASSICAL GREEK CULTURE

ABSTRACT

The Septuagint, which is the Greek version made by the LXX of the Hebrew Old Testament, is the object of study of the GES - Study Group of the Septuagint, which aims, in addition to studying the biblical texts in their literary and cultural aspect, the linguistic deepening of Koine Greek. The book of Jonah is very rich in symbolism which is capable to dialogue with several other texts, including the texts of classical Greek culture: the mythic characters

Heracles and Alcestis and the character of Aristophanic comedy: Filocleon, for example. The first two will be compared to Jonah, by the proximity of the episode of the three days inside a fish or a tomb, and the third, by the proximity of behavior in society. With comparative analysis of Jonah with the characters from mythology and classical Greek comedy, conclude that there is intertextuality between Jonas and classical Greek culture.

KEYWORDS: Septuagint; Jonas; Koiné Greek; classical culture.

INTRODUÇÃO

O Grupo de Estudos da Septuaginta – GES foi cadastrado como projeto de extensão como atividade do GRECC - Grupo de Estudos da Cultura Clássica, em 2011. A tradução e estudo do Livro de Jonas se seguiram à tradução inicial do Gênesis. O Estudo da Septuaginta tem como objetivo, além de estudar os textos bíblicos do Antigo Testamento em seu aspecto literário e cultural, sem ligação direta a um determinado credo religioso, o aprofundamento linguístico do grego koiné, que apresenta algumas particularidades distintas do grego clássico, uma vez que, com a expansão da civilização helênica pelo mundo oriental, a língua grega foi de tal modo difundida, que passou a se chamar língua comum ou koiné. A Septuaginta ou a versão dos Setenta é a tradução grega do Antigo Testamento bíblico, originalmente escrito em hebraico.

2 O LIVRO DE JONAS

Abordaremos diferentes aspectos do Livro de Jonas, um dos mais populares livros da mitologia judaico-cristã. O livro é dividido em 4 partes, por motivos didáticos:

- a) Capítulo 1: O Profeta desobediente – 1.1-17;
- b) Capítulo 2: Salmo de ação de graças por livramento – 2.1-10;
- c) Capítulo 3: O constrangimento do Profeta e o arrependimento dos ninivitas – 3.1-10;
- d) Capítulo 4: A amargura do Profeta com a misericórdia de Deus – 4.1-11.

Jonas, cujo livro homônimo faz parte da coleção de livros proféticos, denominados menores, já no início da narrativa é apresentado como filho de Amitai, o que assegura um pouco sua historicidade, visto que Amitai também é referido no livro *II Reis*, 14:25, como um profeta que vivia em Israel no reinado de Jeroboão II, porém muita controvérsia tem sido suscitada em relação ao gênero do Livro de Jonas, pois opositores o consideram uma parábola e/ou até mesmo uma lenda.

Estudiosos que levantam a hipótese histórica do livro levam em consideração a ampla citação na história e literatura do povo de Israel e que foi, inclusive, citado pelo próprio Jesus ao referir-se a sua morte e ressurreição. E que os fenômenos sobrenaturais são ações de Deus que se realizam até hoje. Já os que argumentam a favor de uma parábola, tomam por exemplos esses mesmos caracteres sobrenaturais, como o fato de ser engolido por um peixe e outros fenômenos sobrenaturais carregados de toda uma simbologia.

Quanto à datação e autoria do Livro de Jonas, para nós ainda se tornam desconhecidos, apesar de haver, no segundo capítulo, uma espécie de oração em primeira pessoa, não é o suficiente para levar-nos a crer que a obra seja da própria autoria de Jonas, pois aspectos históricos contradizem esta hipótese. Ao que se refere à sua datação, o debate se torna maior e mais intenso, já que muitos o consideram em um período pré-exílio à mesma proporção que os situam em um momento pós-exílio. Essa realmente é uma discussão muito motivadora, porém nosso trabalho não pretende, por enquanto, explorar com maior dedicação aspectos históricos ou até mesmo teológicos acerca da obra. Sendo assim, optamos por considerá-la de datação e autoria desconhecidas.

2.1 O MUNDO INVERTIDO DE JONAS

O profeta Jonas viveu o exílio assírio e depois sob o reinado de Jeroboão II (que reinou entre 783 e 743 antes da Era Comum). Lido ritualmente na tarde do *Iom Kipur* (Dia do Perdão), este livro bíblico aparenta-se mais a um relato edificante do que a uma soma de invectivas proféticas. O conteúdo propriamente profético resume-se a um meio versículo: “Ainda quarenta dias e Nínive estará derramada.” (Jonas, 3:4). É mais no comportamento e na atitude do profeta, mas não no seu discurso que deve ser procurada a substância do texto. Jonas recebe a ordem divina de advertir os habitantes de Nínive (Capital da Assíria) da iminência da perdição deles. Deus resolveu destruir a cidade por causa da perversão deles.

Segundo a expressão Talmúdica (*San'hedrin* 89a), Jonas “*kovech et nevuato* - reprime a sua profecia”, recusa-se a cumprir a sua missão e foge. Ele sobe a bordo de um barco, mas em alto-mar uma violenta tempestade ameaça de “afundar” o navio. Os membros da tripulação vêm a descobrir que é Deus mesmo, o Criador do firmamento e da terra, por causa de Jonas, que coloca em perigo o navio. Então, este sugere que o joguem no mar, isto para acalmar a ira divina.

Os marinheiros fazem de tudo para não chegar a esse ato extremo, mas acabam por acatar a sugestão, não sem exprimir os seus escrúpulos. Assim feito, o mar é novamente calmo. Jonas é então ingerido vivo por um grande peixe durante três dias, e nesse período o profeta medita sobre a soberania divina à qual consente finalmente de se submeter.

O peixe coloca Jonas na orla marítima, e ele caminha em direção a Nínive para profetizar. Contra toda expectativa, a reação dos habitantes é imediata, eles ficam constrangidos e arrependem-se, isso mesmo antes que o próprio rei mande que se arrependam. Nínive é então salva pela misericórdia divina, que culmina com o grande desespero de Jonas que, como ele mesmo afirma, teria preferido morrer ao invés de ver os habitantes de Nínive beneficiarem-se desta graça.

O profeta Jonas se compadece mais do ressecamento de um arbusto (o rícino), cujos ramos Deus tinha feito crescer em apenas uma noite acima dele para sombreá-lo e, de modo semelhante, queria morrer, pois a salvação dos habitantes de Nínive causa-lhe uma grande pena, a ponto de sentir desgosto da vida e de se enfurecer contra Deus, que os salvou.

O teor deste relato é o inverso do que podemos pensar nesse tipo de literatura: os personagens mostrando um grande senso moral são, em primeiro lugar, os marinheiros que, embora sejam idólatras, fazem de tudo para poupar a vida de Jonas e, em segundo, os habitantes de Nínive, os assírios, também idólatras, que se erguem rapidamente e corrigem a sua conduta. Até mesmo os diversos elementos da Natureza como o mar, o vento, o peixe, o Sol e, finalmente, o rícino, obedecem ao Eterno. O único personagem que se opõe verdadeiramente à vontade divina é nada mais que o próprio escolhido de Deus, o profeta Jonas, ele se desvia, se rebela e se eclipsa. E, quando finalmente cumpre a sua missão, ele a faz forçado e contrariado, fazendo conhecer brutalmente seu desacordo do propósito misericordioso e salvador que Deus quer.

Não podemos realmente penetrar o significado “abalador” deste relato, pois se deixamos de lado as referências literárias às quais o autor faz alusão como, por exemplo, o nome do profeta Jonas (ou *Yona*), que significa em hebraico “pomba”, o nome não é fortuito e nos faz lembrar da “*yona*” que Noé, depois do dilúvio, enviou fora da Arca para assegurar-se de que a terra era novamente seca e, assim, habitável. Lembramo-nos (Gênesis 8, versículo 6 e subsequentes), que no prazo de quarenta dias depois do dilúvio, o mesmo período que no relato de Jonas é dado aos habitantes de Nínive para que se arrependam antes que Deus destrua a cidade, Noé procura saber da situação da terra: num primeiro momento, ele envia para reconhecimento de área um corvo. Este vai e volta, até que encontra um lugar de vida e não volta mais, mas Noé não fica satisfeito deste resultado e envia uma *yona* (pomba) por três vezes. Na primeira vez, a pomba volta, pois ela não encontrou algo onde poderia descansar. Na segunda vez, ela traz consigo em seu bico, o famoso ramo de oliveira e, finalmente, após ter sido enviada na terceira vez, ela não volta.

Que significam todas essas idas e voltas? Tem-se aqui, de modo evidente, uma simbologia. Lembramos que o corvo, depois de poucas procrastinações, acomodou-se rapidamente ao mundo pós-diluviano. Ele encontra o seu lugar mesmo que a terra esteja ainda enlameada e infestada do cheiro da putrefação dos cadáveres em decomposição. O corvo é aquele que acha as suas marcas no mundo das carniças e dos urubus. O mundo, assim mesmo, é habitável, viável e suportável para ele. Mas não é para a pomba, porque ela espera encontrar algo vegetal, como o ramo de oliveira, também o fruto, um sinal de vida se perpetuando. Ela vai para o mundo, uma vez assegurada e certa que este novo mundo é o mundo da purificação e não mais da putrefação.

O comportamento de Jonas é semelhante ao da pomba. Por ser um indivíduo puro, as prevaricações, as concupiscências mórbidas dos seres humanos, todas essas mãos sujas, toda essa lama fétida que suja, dá nojo a Jonas. Ele pensa que se esse mundo é corrompido, não é justo que Deus reserve o mesmo destino dado à geração do dilúvio para essa geração? Mas para o infortúnio dele, Deus o designa para tentar salvar um mundo podre. E quem é essa pomba que somente vê ao seu redor todos esses corvos?

O que é interessante, também, são os prazos em dias descritos no texto do livro de Jonas, pois de modo semelhante, os períodos de quarenta e de três dias encontram-se no decorrer do *Pentateuco*, notadamente no Gênesis 7,12 (os quarenta dias e quarenta noites do dilúvio); Êxodo 10, 21-24 (três dias de escuridão, ou seja, a nona praga do Egito); Êxodo 19, 15-17 (três de purificação antes de receber os Dez Mandamentos); Êxodo 34, 28 (quarenta dias e quarenta noites, durante as quais o profeta Moisés ficou no Monte Sinai rezando para o perdão do pecado do bezerro de ouro e ter novamente as duas tábuas de pedra contendo os Dez Mandamentos, porque as duas primeiras foram quebradas quando Moisés viu o pecado de idolatria que fizeram os israelitas através do bezerro de ouro); Números 14,33 (quarenta anos em que vagarem os israelitas, um ano por cada um dos quarenta dias em que ficaram os espiões enviados, a pedido do povo israelita, para informá-los como era a terra que iriam herdar). Porém, os três dias são para chegar ao arrependimento, enquanto o prazo de quarenta dias ou anos serve mais para acalmar a ira Divina, e também, no caso do profeta Moisés, para rogar ao Altíssimo para que Ele lhe mostre a Sua Glória na primeira vez em que subiu ao Monte Sinai.

Finalmente, é preciso dizer que, se em hebraico o vocábulo *Yona* é traduzido por “pomba”, em aramaico, esse mesmo termo significa “baleia”, também esse vocábulo em aramaico, cuja raiz *YNH*, tem assonância com o verbo oprimir. O equivalente em árabe do nome Jonas, e, por consequência, para o turco, é *Yunus* (*yûnus*) e *Younes* na sua forma dialetal. Um outro equivalente, em árabe, é o apelido *Dhû-n-Nûn*, ou seja, o “homem da baleia ou do grande peixe”. *Nebi Yunis* (“Profeta Jonas”) é o nome de uma das duas colinas de Nínive.

2.2 A FUGA DE JONAS

No primeiro capítulo do livro de Jonas, o nosso profeta foge da ordem de Deus e vai para Társis, na Espanha (a Sefarad dos judeus sefarditas), em vez de ir para Nínive na Assíria. O barco no meio do mar é pego pela tempestade, e o único jeito para que passe a tempestade é fazer o sacrifício simbólico do profeta. A mesma cena é vista no Novo Testamento, no qual Cristo está no lugar de Jonas, mas o fim da história de Cristo é diferente. Por que será? Os textos que

comparamos aqui são de dois momentos diferentes da *Bíblia*. O primeiro texto do Antigo Testamento, do livro de Jonas, e o segundo do Novo Testamento, do *Evangelho de São Mateus*; Em ambos os casos, temos uma barca no mar, uma tempestade e um homem que está dormindo no fundo do barco; porém, o desfecho é diferente: no caso de Jonas, é ele quem deve ser jogado ao mar para que o Senhor Deus faça o mar parar, já no *Evangelho*, é Jesus quem para o mar. Já sabemos que Jonas é um *midrash* (uma parábola) que fala sobre a universalidade da fé, provavelmente escrito no exílio babilônico. O Novo Testamento é um novo *midrash* em que Cristo, ele mesmo, sem sacrifício, acalma o mar; porém, o sacrifício de Jonas é uma imagem do sacrifício de Jesus Cristo que se doa por toda a humanidade.

No livro de *Jonas*, os marinheiros que são de várias nacionalidades são os sacrificantes, e esse ato os salva de morrerem no mar, isto é, a imagem de Cristo que salva os homens de todas as nações e não só o povo hebreu. Na tradição bíblica, o mar é o símbolo do mal para os judeus que foram, em seu início, um povo de pastores ligado a terra, distantes do mar. Os hebreus sentem o mar como local traiçoeiro; tanto pelas ondas quanto por animais marinhos vistos como monstruosos. No final do episódio de Jonas, os marinheiros fazem um sacrifício ao Deus do céu, o Senhor dos hebreus; no *Evangelho*, os apóstolos ficam espantados de como Cristo tem poder para controlar o mar, poder unicamente pertencente ao Deus do céu.

Temos aí uma identificação do profeta e da divindade. Cristo é o encontro das duas realidades, a humana e a divina. Em análise dos textos em grego, percebemos que não há muita dependência textual, talvez porque o episódio de Cristo tenha sido no início falado, algo pertencente à tradição oral e só depois passou a ser escrito.

2.3 HÉRACLES E JONAS

Na *Biblioteca* de Apolodoro há registros de um mito acerca de Hesíone. Essa, filha do rei Laomedonte, seria sacrificada a um monstro marinho enviado por Poseidon. Laomedonte teria feito um acordo com Poseidon e Apolo a fim de que o ajudassem a construir as muralhas da cidade. Laomedonte, tendo descumprido tal acordo foi castigado por tais deuses, um enviando um monstro marinho que destruiria a cidade e o outro lançando uma terrível peste.

Ao consultar o oráculo, Laomedonte descobre que, para acabar com a maldição, teria que sacrificar uma de suas filhas ao terrível monstro marinho. Resolve então fazer um sorteio e sacrifica Hesíone, deixando-a nua e acorrentada a uma rocha para ser devorada. Hércules, que passava em expedição pelo local, surpreende-se com Hesíone acorrentada. De imediato, ele se oferece para libertá-la e ainda matar o monstro em troca de alguns presentes dados por

Laomedonte, que aceita a proposta. Segundo o mito, Hércules conseguiu entrar na garganta do monstro marinho e lá permanecer durante três dias, retornando, porém, com seus cabelos perdidos na batalha.

Ao que tudo indica, heróis engolidos por monstros marinhos pareciam bem comuns na Antiguidade. O resgate de Hesíone por Hércules, que ainda faz alusão ao resgate de Andrômeda por Perseu “deriva claramente de um ícone comum na Síria e na Ásia Menor: a vitória de Marduk sobre o monstro marinho Tiamat, manifestação da deusa Ishtar, cujo poder ele anulou, acorrentando-a a uma rocha. Marduk é engolido por Tiamat e desaparece por três dias antes de voltar à luta.” (GRAVES, 2008, p. 617). De maneira análoga a Jonas, o fato de Hércules ter saído fraco e perdido o cabelo durante a batalha ainda remete a outro mito bíblico, ao de Sansão, que, ao ter seus cabelos cortados, perdeu sua força física.

2.4 TRÊS DIAS EM UM SEPULCRO: JONAS, ALCESTE E JESUS

Os três dias e três noites descritos no livro de Jonas e que são apontados como sinal do messianismo de Jesus, pelo próprio Jesus (*Mt.* 12, 40), figuram para os cristãos após seu cumprimento como símbolo da vitória da vida sobre a morte, o que representa a salvação prometida por Deus e esperada por cada cristão.

Então, alguns dos escribas e dos fariseus tomaram a palavra, dizendo: Mestre, quiséramos ver da tua parte algum sinal. Mas ele lhes respondeu e disse: Uma geração má e adúltera pede um sinal, porém não se lhe dará outro sinal, senão o do profeta Jonas, pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra. Os ninivitas ressurgirão no Juízo com esta geração e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis que está aqui quem é mais do que Jonas. (*Mateus*, 12, 38-41)

A peça trágica *Alceste*, de Eurípides, encenada em 438 a.C., traz a morte da protagonista que nomeia a tragédia. No prólogo, ficamos sabendo através de Apolo que Admeto, o rei de Feres, deveria morrer, mas, por ter sido um homem bom e virtuoso, conseguiu que o deus enganasse as Moiras (“as Partes”, representantes dos destinos), fazendo com que elas adiassem sua morte, se outra pessoa morresse em seu lugar. Depois de ter pedido aos pais e aos amigos, Admeto não encontra ninguém para habitar as sombras do Hades em lugar dele. Sua virtuosa esposa Alceste se oferece, e têm início os dolorosos conflitos de Admeto. Alceste, que, como inferimos através do discurso de uma de suas servas, encontra-se em terrível agonia, chorando e fazendo preces, morre em cena, na presença de Admeto e de Eumélio, filho do casal.

Nesse entretanto, acontece a chegada de Hércules, que inicialmente não é informado da morte da rainha Alceste, nem tampouco que ela estava sendo velada naquele momento, pois

Admeto, não querendo violar as leis da hospitalidade, não revela a verdade ao distinto hóspede. Hércules, desse modo, muito bem servido entrega-se à comilança e aos prazeres do vinho, pois tinha sido instalado em um local à parte no palácio, justamente para não ser incomodado pelas lamentações do funeral. Um servo, porém, incomodado com suas atitudes, revela-lhe a verdade, e Hércules, envergonhando-se e reconhecendo a cortesia de Admeto, decide recompensá-lo: Vai até a sepultura de Alceste, e no momento em que *Thánatos*, que representa a Morte, se aproxima para levá-la ao Hades, Hércules luta com ele e consegue trazer Alceste de volta à vida e ao palácio de Admeto.

A peça retrata que Alceste só retomará a vida de forma normal, após ser purificada da sua consagração às divindades do mundo dos mortos, só ao romper do terceiro dia. Jonas passou três dias e três noites na barriga de um grande peixe, mas Deus o devolveu à terra para continuação de sua missão. Jesus Cristo também ficou três dias e três noites no seio da terra, no sepulcro, mas ressuscitou ao terceiro dia.

2.5 JONAS E FILOCLEÃO: DUAS VOZES DA DESOBEDIÊNCIA CONSCIENTE

A comédia *As Vespas* foi produzida e encenada por Aristófanes, nas Leneias de 422 a.C., um festival ateniense também conhecido por *feira dos tonéis de vinho*. Esse festival era dedicado a Dioniso e era celebrado durante o inverno que se precipitava sobre a região da Ática, no mês *gamélion*, que corresponde a janeiro no calendário gregoriano. Nessa comédia, Aristófanes dirige uma crítica áspera às instituições judiciárias de Atenas, principalmente aos juízes do Tribunal *Helieu*, por se terem tornado um instrumento de condenação a serviço de políticos, demagogos e sicofantas (delatores do mercado).

O livro de *Jonas* é um dos trinta e nove livros do Antigo Testamento, situado depois do livro de *Abadias* e antes do livro de *Miqueias*, destinado a registrar quatro situações que provam a distinção entre o agir de Deus e dos homens; o capítulo 1 trata da disputa entre a vontade de Deus e a dos homens; o capítulo 2 fala da desobediência de Jonas a Deus; o capítulo 3 relata a graça de Deus para com o homem, oportunizando-lhe a segunda mensagem de reconciliação e salvação; e o capítulo 4 aborda a diferença entre Deus e os homens no plano da visão e a misericórdia.

O enredo da comédia *As Vespas* e o livro de *Jonas* são desenvolvidos por dois personagens que, por um lado são bastante distintos física, cultural e temporalmente entre si, por outro, bastante semelhantes no plano actancial. Filocleão tornara-se detentor de conduta subserviente e escrava perante o político e demagogo Cleão, uma das figuras públicas atenienses que ascendeu ao poder logo após a morte de Péricles, em 429 a.C.

Filocleão, protagonista da comédia, um juiz heliasta que se conduzia de forma arbitrária, irracional, colérica e com *animus nocendi* (pretensão de prejudicar) contra as pessoas processadas. Ostentando o poder da função de juiz e a serviço do político Cleão, Filocleão sempre condenava as pessoas e nunca as absolvía, independente do potencial ofensivo que elas houvessem cometido contra a *polis*. O poder e o arbítrio de condenar indistintamente levou Filocleão a sentir-se rei e deus, segundo os versos 518: “Para de falar de escravidão, quando comando o mundo.”¹ E 570: “[...] Depois o pai, em nome deles, me suplica como a um deus, que o absolva de prevaricações [...]”.

Bdelicleão não aprova a conduta do pai, mas se esforça em convencê-lo de que ele não pertence a nenhuma realeza, e sim é um escravo de políticos profissionais de Atenas. Segundo Brandão (1986, p.165):

Bdelicleão demonstra ao pai que a pretensa realeza, de que ele tanto se ufana, não passa de escravidão disfarçada: os heliastas são meros instrumentos políticos nas mãos dos demagogos que usam “de sua justiça” para livrar-se dos adversários ou dos ricos, cuja fortuna ambicionavam.

Bdelicleão, não suportando mais a farsa em que vive o pai, decide por reeducá-lo para a vida de cidadão de Atenas. Imediatamente tira o pai do convívio dos tribunais e o reestabelece juridicamente em casa, onde cria o cenário de um tribunal doméstico. Na função de juiz doméstico, Filocleão inicia sua nova fase judicial julgando o cão Labes, que foi acusado de furtar e consumir sozinho um queijo da Sicília. Trata-se de uma paródia feita por Aristófanes ao general ateniense. Laques, o qual, no plano real, fora demandado judicialmente, sob a acusação da prática de peculato (desvio de dinheiro público), quando comandou uma operação militar na Sicília.

Traços da reeducação de Filocleão puderam ser observados, em parte, quando ele absolveu involuntariamente o cão Labes. Ele parece haver-se comovido com as preces do filho e com a história de Labes, cujos filhotes sobem à tribuna, para clamar piedade ao juiz para que o pai deles não fosse condenado. Bdelicleão, valendo-se do processo de restauração moral, funcional e humana do pai, fá-lo depositar o voto na urna errada (havia a urna dos votos da condenação e a urna dos votos da absolvição), contrariando-lhe, assim, a velha e infalível conduta para condenar seus réus. Ao perceber que praticou uma ação inédita, Filocleão desmaia. Para reconfortá-lo, o filho promete levá-lo a banquetes, e seus dias serão felizes. No banquete, Filocleão tornou-se inconsequente perante os demais convivas.

O enredo do livro de Jonas é desenvolvido pelo profeta Jonas, no século VII a.C., para enfatizar o amor irrestrito e permanente de Deus para com os homens, quer sejam pagãos quer

¹ Os trechos citados de *As Vespas* são da tradução de Junito de Souza Brandão.

sejam israelitas naturais ou espirituais. Para salvar povos pagãos da Assíria, Deus enviou Jonas para avisar a Nínive da destruição que se lhe avizinhava.

Jonas suspeitou de que os assírios poderiam arrepender-se de seus pecados e de que Deus acabaria por lhes perdoar e não os destruir. Além do contexto espiritual, Jonas temia a agressividade e a crueldade do império assírio contra o povo hebreu, como foi demonstrado durante o cativeiro assírio. Jonas temeu os assírios e fugiu de Deus, porque estava disposto a fazer sua própria vontade. Movido por esse sentimento temerário, Jonas deixou de ir para a cidade de Nínive, capital da Assíria, e foi para Társis.

Para conter a desobediência de Jonas, o Senhor quis impedir a fuga dele e fez levantar-se uma tempestade tão forte que ameaçou o navio de destruição física. Jonas deixou sua desobediência na tempestade do mar e foi engolido por um grande peixe. Salvo, ele vai para Nínive, o lugar para o qual Deus lhe havia ordenado que fosse. Ele prega a Palavra de Deus, como Deus lhe havia ordenado anteriormente. A vida de Jonas obediente, no entanto, é ainda pior do que a de Jonas desobediente. Jonas obediente é irado e vingativo. Ele odeia e despreza a cidade de Nínive, onde prega a Palavra Salvadora de Deus para a população local. Jonas, no entanto, trai o espírito de Deus com sua ira contra os ninivitas.

Apesar de os personagens de Filocleão e Jonas terem vivido contextos de situação bastante diversos, quer no espaço físico quer na linha do tempo, ambos desempenharam comportamento bem semelhante. Filocleão foi submetido a todos os tipos de impedimento físico e admoestações por Bdelicleão e os escravos Xântias e Sósia, para livrar-se da vida escrava nos tribunais. Jonas foi impedido de fugir pela tempestade que sobreveio ao mar. Filocleão foi enclausurado na própria casa, para não ir ao tribunal e iniciar seu processo de reeducação moral e cidadã. Jonas foi preso no ventre do grande peixe, para não concretizar seu projeto de fuga, reeducar-se na palavra de Deus e arrepender-se de seu pecado. Filocleão, mesmo reeducado para a vida cidadã em Atenas, não abdicou de seu recôndito espírito de desobediência e de práticas pessoais e sociais impróprias à vida em sociedade. Jonas foi um profeta de espírito rebelde e de prioridades equivocadas. Era-lhe impossível controlar seu desejo de vingança. Ele era tacanho de espírito e tinha um mau gênio. Em vez de regozijar-se na graça que Deus manifestara para com os ninivitas, Jonas permitia que o seu orgulho egoísta e pecaminoso o tornasse rancoroso.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Fizemos um estudo sobre Jonas, relacionando-o com a história de Noé, no *Gênese* e com Jesus Cristo, no livro de *Mateus*, do Novo Testamento, e uma abordagem comparativa entre ele e três personagens da cultura grega clássica: dois da mitologia e um da comédia antiga grega. Os personagens míticos são Hércules e Alceste, e o personagem da comédia de Aristófanes é Filocleão.

Os dois primeiros serão comparados a Jonas, pela proximidade do episódio dos três dias dentro de um peixe ou em um sepulcro, e o terceiro, pela proximidade do comportamento em sociedade. Com essa análise, apontaremos a importância do estudo de aspectos culturais e literários da *Septuaginta*, evitando-se a abordagem que se relacione diretamente a algum credo religioso. O texto de *Jonas* foi traduzido, do grego para o português, pelo Grupo de Estudos da Septuaginta – GES, promovendo uma leitura mais aprofundada e crítica do texto bíblico do que uma leitura comum costuma proporcionar.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O estudo do livro de *Jonas* nos apresenta o ponto comum a que todos os aspectos observados acerca de sua intertextualidade com outros livros bíblicos e com figuras da mitologia grega e da comédia grega antiga levam: a proximidade do texto grego do original hebraico e das traduções nas modernas línguas ocidentais. Ainda que existam polêmicas nas discussões de pontos que promovem dissensões religiosas, os relatos do livro são aproximados em todas as traduções. Apresentamos, a seguir, a tradução feita pelo GES² de partes do Capítulo I e início do II do Livro de *Jonas* na versão dos LXX ou *Septuaginta*:

ΙΩΝΑΣ Jonas I

1 ΚΑΙ ἐγένετο λόγος Κυρίου πρὸς Ἰωνᾶν τὸν τοῦ Ἀμαθὶ λέγων·

E houve a palavra do Senhor para Jonas o filho de *Amathi* dizendo:

2 ἀνάστηθι καὶ πορεύθητι εἰς Νινευὴ τὴν πόλιν τὴν μεγάλην καὶ κήρυξον ἐν αὐτῇ, ὅτι ἀνέβη ἡ κραυγὴ τῆς κακίας αὐτῆς πρὸς με.

Levanta-te e vai para Nínive a cidade grande e anuncia nela, que se levantou o grito da maldade dela até mim.

3 καὶ ἀνέστη Ἰωνᾶς τοῦ φυγεῖν εἰς Θαρσίς ἐκ προσώπου Κυρίου καὶ κατέβη εἰς Ἴόππην καὶ εὔρε πλοῖον βαδίζον εἰς Θαρσίς καὶ ἔδωκε τὸν ναῦλον αὐτοῦ καὶ ἐνέβη εἰς αὐτὸ τοῦ πλεῦσαι μετ' αὐτῶν εἰς Θαρσίς ἐκ προσώπου Κυρίου.

² Participaram da tradução do livro de *Jonas* e dos capítulos iniciais do *Gênesis*, além dos autores do artigo, os seguintes membros do Grupo de Estudos da *Septuaginta* - GES: Renan Rocha Pereira, Manuela Maria Campos Sales, Cinthya da Silva Martins, Márvinne Damasceno Ferreira, Robson José Lima Chagas, Leandro Teixeira Santiago e Vicente de Paulo César Brasil. Como Bolsistas de Extensão do Projeto Grupo de Estudos da Cultura Clássica – GRECC, participaram: Irismar Lima da Silva e Yara Maria Freire Ferreira, nos períodos de 2012 e 2013, respectivamente.

E levantou-se Jonas para fugir para Társis da face do Senhor e desceu para Íorpe e encontrou um navio que ia para Társis e deu a tarifa dele e subiu para ele para navegar com eles para Társis da face do Senhor.

4 καὶ Κύριος ἐξήγειρε πνεῦμα μέγα εἰς τὴν θάλασσαν, καὶ ἐγένετο κλύδων μέγας ἐν τῇ θαλάσῃ, καὶ τὸ πλοῖον ἐκινδύνευε τοῦ συντριβῆναι.

E o Senhor levantou um grande sopro para o mar, e surgiu uma grande onda no mar, e o navio estava em perigo de se despedaçar.

[...]

10 καὶ ἐφοβήθησαν οἱ ἄνδρες φόβον μέγαν καὶ εἶπον πρὸς αὐτόν· τί τοῦτο ἐποίησας; διότι ἔγνωσαν οἱ ἄνδρες, ὅτι ἐκ προσώπου Κυρίου ἦν φεύγων, ὅτι ἀπήγγειλεν αὐτοῖς.

E os homens temeram um grande temor e disseram-lhe: Por que fizeste isso? Porque conheceram os homens que estava fugindo da face do Senhor, porque ele declarou a eles.

11 καὶ εἶπον πρὸς αὐτόν· τί ποιήσομέν σοι καὶ κοπάσει ἡ θάλασσα ἀφ' ἡμῶν; ὅτι ἡ θάλασσα ἐπορεύετο καὶ ἐξήγειρε μᾶλλον κλύδωνα.

E disseram-lhe: O que faremos contigo para que o mar se acalme para longe de nós? Porque o mar vinha e se erguia mais em ondas.

12 καὶ εἶπεν Ἰωνᾶς πρὸς αὐτούς· ἄρατέ με καὶ ἐμβάλετέ με εἰς τὴν θάλασσαν, καὶ κοπάσει ἡ θάλασσα ἀφ' ὑμῶν· διότι ἔγνωκα ἐγὼ ὅτι δι' ἐμέ ὁ κλύδων ὁ μέγας οὗτος ἐφ' ὑμᾶς ἐστι.

E disse-lhes Jonas: Levantai-me e lançai-me ao mar, para o mar se acalmar longe de vós; porque sei eu que por minha causa esta grande onda está sobre vós.

13 καὶ παρεβιάζοντο οἱ ἄνδρες τοῦ ἐπιστρέψαι πρὸς τὴν γῆν καὶ οὐκ ἠδύναντο, ὅτι ἡ θάλασσα ἐπορεύετο καὶ ἐξηγείρετο μᾶλλον ἐπ' αὐτούς.

E os homens forçavam [o barco] a voltar para a terra e não podiam, porque o mar vinha e erguia-se mais sobre eles.

14 καὶ ἀνεβόησαν πρὸς Κύριον καὶ εἶπαν· μηδαμῶς, Κύριε, μὴ ἀπολώμεθα ἕνεκεν τῆς ψυχῆς τοῦ ἀνθρώπου τούτου, καὶ μὴ δῶς ἐφ' ἡμᾶς αἷμα δίκαιον, διότι σύ, Κύριε, ὄν τρόπον ἐβούλου, πεποίηκας.

E gritaram ao Senhor e disseram: De modo algum, Senhor, nos destrua por causa da vida deste homem, e não dês em nós sangue justo, porque tu, Senhor, que como querias, fizeste.

15 καὶ ἔλαβον τὸν Ἰωνᾶν καὶ ἐξέβαλον αὐτόν εἰς τὴν θάλασσαν, καὶ ἔστη ἡ θάλασσα ἐκ τοῦ σάλου αὐτῆς.

E tomaram Jonas e lançaram-no ao mar, e parou o mar da sua agitação.

16 καὶ ἐφοβήθησαν οἱ ἄνδρες φόβῳ μεγάλῳ τὸν Κύριον καὶ ἔθησαν θυσίαν τῷ Κυρίῳ καὶ ἤψαντο τὰς εὐχάς.

E temeram os homens com um grande temor ao Senhor e ofereceram sacrifícios e fizeram orações.

II. ΚΑΙ προσέταξε Κύριος κήτει μεγάλῳ καταπιεῖν τὸν Ἰωνᾶν· καὶ ἦν Ἰωνᾶς ἐν τῇ κοιλίᾳ τοῦ κήτους τρεῖς ἡμέρας καὶ τρεῖς νύκτας.

E ordenou o Senhor a um grande peixe devorar Jonas; e estava Jonas no ventre do peixe três dias e três noites.

5 CONCLUSÃO

Pelo estudo e tradução do livro de *Jonas*, o Grupo de Estudos da Septuaginta – GES vem se aproximando da cultura que produziu o texto sagrado da *Bíblia* e do dialeto comum da língua grega difundido no período helenístico, permitindo a comparação cultural e linguística entre a civilização judaica e a civilização helênica, ambas formadoras da nossa atual cultura ocidental, numa identificação ampliada pela observação das alteridades formadoras.

Pela análise comparativa entre Jonas e personagens da mitologia e da comédia antiga grega, podemos observar a possibilidade de estudo dos aspectos literários e culturais do texto bíblico de *Jonas*, enfatizando, desse modo, o grande valor do texto bíblico como patrimônio cultural da humanidade.

REFERÊNCIAS

ARISTÓFANES. *As Vespas*. In: EURÍPIDES e ARISTÓFANES. **Um drama satírico: O Ciclope e duas comédias As Rãs e As Vespas**. Tradução do grego por Junito de Souza Brandão. Rio de Janeiro: Editora Espaço Tempo, 1986.

BAILLY, A. **Dictionnaire grec-français**. Paris: Hachette, s/d.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e corrigida. 4ª ed. 2009. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BRANDÃO, Junito de Souza. Introdução. In: ARISTÓFANES. *As Vespas*. In: EURÍPIDES e ARISTÓFANES. **Um drama satírico: O Ciclope e duas comédias As Rãs e As Vespas**. Tradução do grego por Junito de Souza Brandão. Rio de Janeiro: Editora Espaço Tempo, 1986.

BRAYFORD, Susan. *Genesis*. Leinder/Boston: Brill, 2007 (Septuagint Commentary Series).

CONYBEARE, F.C.; STOCK, St. George. **Grammar of Septuagint Greek**: with selected readings, vocabularies, and updated indexes. Hendrickson Publishers, 1995.

EURÍPIDES. **Alceste**. Tradução e notas J. B. de Melo e Souza. eBookBrasil: 2006. (Clássicos Jackson - vol. XXII).

GRAVES, Robert. **O grande livro dos mitos**. Publicações Ediouro, 2008. Disponível em: http://www.kilibro.com/book/preview/693_grande-livro-dos-mitos-gregos-o

RAHLFS, Alfred. **The Septuagint (LXX): With Morphological Data**. Bible Org. U.K., 2005.